

O Sagrado Feminino no Antigo Testamento

Módulo 2

Deus criou o Homem à sua imagem e semelhança. Homem com “h” grande porque significa humanidade e engloba os géneros feminino e masculino em igual proporção. Assim, pode afirmar-se que para Deus os homens e as mulheres são iguais, embora se diferenciem em características complementares. Criou-os para serem parceiros, para trabalharem juntos na construção de uma existência de feliz produção e convivência. Não há lugar a submissão, humilhação ou qualquer tipo de demonstração de força, pois a superioridade de uns sobre os outros não existe.

É na comunhão das suas essências que se cumprem, que realizam as suas missões, que trilham os caminhos designados pelo Criador no espaço atribuído por Este. Esta dualidade não é um campo de batalha contínuo, mas o ponto de equilíbrio que determina a liberdade de acção de cada indivíduo por si só e enquanto parte de uma comunidade.

Nas diferentes histórias do Antigo Testamento, até ao Livro dos Juízes, somos confrontados com uma realidade de equilíbrio relacional inter-géneros. E sem esforço. Estas relações feminino-masculinas são naturais, sem atropelos, equívocos ou atritos. Seguem um guião conhecido e aceite por todos, sem rodeios. Não há desprezo pelas óbvias diferenças entre os géneros, mas não é por tal que as características individuais para uma função são anuladas devido ao género. Se tal sucedesse, Débora não teria sido Juíz por 40 anos.

Outra nota da naturalidade com que as mulheres são tidas em consideração e respeitadas no Antigo Testamento, embora a uma primeira vista possa parecer exactamente o contrário, é o facto de o nome de muitas, mas não a sua existência, importância e obra, se perder nas brumas do tempo, como sucedeu com a mulher de Noé ou a mãe de Mica. Vejamos, não sendo a Bíblia um livro histórico, fruto desta ciência e desenvolvido de acordo com as suas regras actuais, mas um livro milenar de compilação de histórias, releva-se a importância, à época, da recolha dos testemunhos e o registo dos eventos e personagens na génese de um povo, mesmo da humanidade.

Neste módulo, foi uma benção perceber que o “mundo não nasceu torto”, como diz o povo. O mundo nasceu certo. Em igualdade e companheirismo. Com divisão de tarefas de acordo com as características naturais atribuídas, sabiamente por Deus, a cada género. E assim, homem e mulher, podiam ser felizes. Mas, também já diz o povo, nada dura para sempre, e o desequilíbrio infiltrou-se e instalou-se, submetendo as mulheres a torturas e ao silêncio. Aconteceu no final do período dos Juízes e instauração do período dos Reis.

Durante os séculos seguintes, e em muitos países ainda hoje, as mulheres, o chamado “sexo fraco”, chegam a ser consideradas objectos pois desprovidas de direitos básicos, humanos, como a alfabetização, escolha de marido, profissão, desporto, socialização ou mesmo de falar.

Estas realidades estão tão distantes das tendas judaicas os com nomes das mulheres que as habitavam, onde recebiam os maridos, pois imperava a regra da matrilocalidade, ou seja, eram os maridos que deixavam as famílias e eram acolhidos pelas das mulheres que desposavam. Também estão distantes da unicidade inequívoca e inquestionável entre mãe e filho até ao momento do desmasme, onde então o bebé adquiria individualidade, ou, mais profundamente,

tão longínquas do respeito e apoio constante entre o casal no que respeitava às decisões discutidas e tomadas em conjunto.

Histórias com as de Sara e Abraão, Zípora ou Miriam, ambas ao lado de Moisés, Acsa e Otniel, mostram como foi relevante e profícua a relação cúmplice entre homem-mulher e são uma verdadeira inspiração e fonte de esperança do retorno à gênese da criação, à razão de sermos e existirmos.

Hoje, olhamos para trás, e vemos que durante séculos, os homens anularam as mulheres, remetendo-as para os bastidores, uns mais adornados que outros. Porém, nem todas se remeteram passivamente, conta-nos a História. Algumas, conseguiram destacar-se de cara à vista, como Isabel I de Inglaterra, outras disfarçadas de homens, como é o caso de Joana d'Arc ou da papisa Joana, que os anais insistem em apagar da cronologia. Mas são mesmo muito poucas se contabilizarmos as anónimas que pereceram sem deixar marca ou nome.

Ontem como hoje, a questão permanece: porquê esta diferença no tratamento de géneros imposta pelo próprio ser humano?

Há diferenças? Claro que sim. Mas são complementares e não implicam superioridade e inferioridade. A polaridade existe para criar a necessária tensão que gera a energia da existência. Sem esta tensão não havia *anima*, movimento, interesses. Não havia nada.

Se olharmos para trás, relermos as histórias na gênese da nossa existência, podemos lembrar outros tempos, outras realidades, outros objectivos. Podemos confrontá-los com a realidade que temos hoje e pesar na balança. Não precisamos de sonhar com tempos melhores. Esses tempos já existiram. Basta lembrá-los para os podermos reviver. Retomemos os exemplos de tantas mulheres milenares, mulheres de coragem e força, e da forma como enfrentaram as suas existências em conjunto com os seus maridos, dentro das suas comunidades.

Estas mulheres foram tocadas por Deus, mesmo quando começaram a ser abandonadas pelos homens. Deus ficou ao seu lado, mostrando-lhes que a sua sacralidade intrínseca permanecia intacta e que um dia renasceria. Esse dia já chegou para algumas. A sociedade contemporânea já retomou o respeito pelo Sagrado Feminino. Ainda não é um movimento mundializado, mas será. *Fidem habeamus*.

Rita Duarte
Outubro 2021